




EXPERIÊNCIAS TELÚRICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RASTROS DA DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA

Telluric experiences in early childhood education: traces of pedagogical documentation

Cristiana **CALLAI**
FIAR

Universidade Federal Fluminense
Niterói, Brasil

criscallai@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-8721-9184> 

Miriam Nogueira de **MALTOS**
FIAR

Universidade Federal Fluminense
Niterói, Brasil


miriam.maltos@id.uff.br


<https://orcid.org/0009-0006-2657-5701> 

Stéfany Bicalho **FERNANDES**
FIAR

Universidade Federal Fluminense
Niterói, Brasil

stefanybicalho@id.uff.br

<https://orcid.org/0009-0007-6868-5770> 

Mais informações da obra no final do artigo 

RESUMO

Este relato de experiência busca refletir sobre o ato do registro do educador da Educação Infantil, uma escrita permeada por suas observações e com suas provocações sobre as vivências junto às crianças de uma escola pública do município de Niterói/RJ, com crianças na faixa etária de 3 a 5 anos. Destacamos o registro escrito e fotográfico das interações das crianças com a argila e as sensações que foram manifestadas na experiência sensorial como possibilidade de partilhar o vivido, contextualizando a narrativa, mas também projetando situações pedagógicas desafiadoras, visto que a revisitação do cotidiano vivido junto às crianças é fundamental para refletir sobre o passado, e repensar as próximas ações, ou seja, planejar. Nesse processo, avaliar a organização do trabalho pedagógico aparece como uma das práticas essenciais da docência. Como recorte metodológico utilizamos a pesquisa narrativa (auto) biográfica em educação.

Palavras-chave: Registro. Documentação Pedagógica. Educação Infantil.

ABSTRACT

This experience report seeks to reflect on the act of registering the kindergarten teacher, a writing permeated by his observations and with his provocations about the experiences with children of a public school in the city of Niterói/RJ, with children in the age group from 3 to 5 years. We highlight the written and photographic record of the children's interactions with clay and the sensations that were manifested in the sensory experience as a possibility of sharing what was experienced, contextualizing the narrative, but also projecting challenging pedagogical situations. Since the revisitation of the daily life lived with the children is fundamental to reflect on the past, and rethink the next actions, that is, to plan. In this process, evaluating the organization of the pedagogical work appears as one of the essential teaching practices. As a methodological approach, we used narrative (auto) biographical research in education.

Keywords: Registry. Pedagogical Documentation. Early childhood education.

NOS RASTROS DA DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA

Através de uma bibliografia produzida no norte da Itália, podemos ampliar a compreensão das dimensões envolvidas no registro, concebendo-o como documentação do professor e da instituição. É no registro escrito que vemos a potência para a autoformação do professor e assim, da profissionalidade docente. Entretanto, esse instrumento, tão fecundo, ganha outros contornos e significados ao focar também os processos e as produções das crianças, afinal, as crianças também têm sua autoria evidenciada em ações, gestos, expressões que podem ser registradas além da palavra escrita.

Nesse caso, aparecem os registros de suas produções, de suas falas, de seus pensamentos em situações vividas. Todavia, o professor é quem escreve, narra, visto a idade das crianças atendidas pela instituição de Educação Infantil. Mas, há algo que ganha destaque quando reparamos nos conteúdos de uma documentação: a valorização das produções plásticas e gráficas. Especificamente, na experiência italiana, o registro é produzido através de anotações rápidas, gravações das palavras das crianças em interação, bem como fotografias e vídeos. Faz parte da proposta italiana a valorização desses modos de registrar o que foi vivido (OSTETTO, 2012).

Esta seria a principal razão da documentação: possibilitar o diálogo com todos os envolvidos, buscando conhecer cada vez mais as crianças e seus processos de conhecimento e desenvolvimento. Com a documentação, os educadores-observadores que registram por meio de formas variadas pretendem construir um entendimento que possa ser compartilhado acerca das maneiras como as crianças interagem com o ambiente, como elas se relacionam com os adultos, com outras crianças e como constroem o próprio conhecimento (OSTETTO, 2012, p. 29).

A documentação pedagógica é também uma forma de comunicar o que acontece no dia a dia da instituição às famílias, além de fomentar a observação, o registro, o pensamento e a comunicação por parte dos educadores, pois, ali, na documentação, estão as descobertas, tentativas e hipóteses das crianças sobre o mundo. Quanta beleza!

Experiências telúricas: entre mãos e barro

Figura 01: *Cerâmica de Dona Irinéia*



“Elucubrar pedantemente sobre a fabricação de objetos - material educativo, brinquedos ou livros - que fossem apropriados para crianças é tolice. Desde o Iluminismo essa é uma das mais bolorentas especulações dos pedagogos. Seu enrabichamento pela psicologia os impede de reconhecer que a Terra está repleta dos mais incomparáveis objetos de atenção e exercícios infantis, dos mais apropriados. Ou seja, as crianças são inclinadas de modo especial a procurar todo e qualquer trabalho onde visivelmente transcorre a atividade sobre as coisas”.

BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única: obras escolhidas*

Fonte: <https://artepopularbrasil.blogspot.com/2016/08/dona-irineia.html>
Colagem digital: As autoras/2023

O registro escolhido para esse relato surgiu da observação e escrita-memória, enquanto bolsista, de uma estudante de pedagogia, em uma escola da rede pública de ensino na cidade de Niterói- RJ. Marcada pelo atendimento às infâncias em grupos multi-idade, a experiência observada aconteceu com

crianças de 3 a 5 anos pertencentes ao mesmo grupo. Nesse contexto, é importante ressaltar que a escola não trabalhava seu currículo acerca de datas comemorativas comerciais e, tão pouco, motivava os professores e estudantes-bolsistas a se preocuparem com o que seriam “lembrancinhas”. As produções das crianças estavam ao centro da proposta pedagógica e, com isso, o registro escrito das interações das crianças entre si, e com o espaço escolar, eram encorajadas desde o primeiro contato com o grupo de referência.

Durante o tempo de vivência, nesse espaço, a relação íntima das crianças com os espaços externos do prédio ficou nítida nos registros dos bolsistas e da professora de referência. Muitas das brincadeiras das crianças envolviam os gravetos, pedaços de troncos, folhas secas e, principalmente, a lama. Através das mãos dessas crianças, surgiam com a lama muitas formas: comidas diferentes, pistas para os carrinhos, pequenas esculturas ou simplesmente sentir com pés e mãos essas texturas e possibilidades de modelagem. Ao mesmo tempo, as crianças desse grupo, também tinham como uma das brincadeiras favoritas a massinha de modelar. Com ela, criavam diversas esculturas, como bonecas, bolos, panelas, até adereços para os dedos. Mas, cada peça que elas criavam com a massa de modelar precisava ser desmontada e guardada logo após a brincadeira, visto que esse material, em poucos dias, fora do pote, apodrecia. Ao observar a afeição do grupo por essas vivências nesse espaço escolar, a professora e bolsistas perceberam que precisavam puxar um fio dessa experiência - desse registro. Como poderíamos ampliar a criação das crianças e as experiências com a modelagem? Assim surgiu a ideia de trazer a argila para que conhecessem, já que ela poderia ser um material tão potente, sendo tão parecido com a lama que elas já gostavam de brincar e tendo a possibilidade de criação de modelagens sem a efemeridade das brincadeiras com a massinha.

A argila - ou barro, como muitos chamam - é um material presente na cultura das infâncias, nas tantas brincadeiras nas ruas e quintais que ainda existem fora dos grandes centros urbanos. Como a areia, os gravetos, as pedrinhas, o barro trás diversas possibilidades pela imaginação, além de ser um material natural que a criança pode ter contato - sem plástico, sem corantes, sem materiais tóxicos -, mas um material com tanta riqueza e possibilidade não está estritamente preso nas salas da escola: nele, muitos artistas moldam suas artes, seu sustento, seus sonhos. A profissão de oleiro é uma das mais antigas, na qual o contato com o material usado em pouca coisa mudou ao longo dos

anos. Sendo uma habilidade geralmente passada de geração em geração, artistas como Ana das Carrancas e Dona Irinéia nos inspiram possibilidades de experiências com a argila, nos contam suas histórias com suas peças de barro e nutrem nossa imaginação para o trabalho com as infâncias.

A argila e suas oleiras: nutrições estéticas

Figura 02: Ana Leopoldina e a Carranca



Fonte: <https://artepopularbrasil.blogspot.com/2010/12/ana-dascarrancas.html>
Colagem digital: As autoras/2023

Ana Leopoldina Santos, Ana Louceira, Dama do barro ou, como é mais conhecida, Ana das Carrancas, é uma artesã nascida em Ouricuri - Pernambuco,

muito conhecida por suas esculturas de argila. Filha de artesã - Louçeira, desde a infância, já ajudava sua mãe nos trabalhos com a argila, na criação de louças de barro. Com o tempo, Ana também começou a fazer brinquedos de barro para vender na feira da sua cidade natal. Em um contexto de vulnerabilidade social e financeira, viveu muitos anos da sua arte vendendo utensílios, especialmente artigos de cozinha.

Em busca de melhores condições para se viver, mudou-se para Petrolina, lugar onde sua história como artista se transformou. Com suas duas filhas do primeiro casamento e passando pela dificuldade de encontrar barro para moldar, pediu à São Francisco das Chagas e a Padre Cícero para guiar seus caminhos. Foi nas margens do rio São Francisco que ela encontrou material para seu trabalho, e sentada às suas margens, fez um barquinho e, nele, uma carranca. Sua primeira carranca. Ao moldá-la, Ana percebeu algo que marcou seu trabalho, estas mesmas carrancas foram a porta para conseguir tirar da arte seu sustento e da sua família. Segundo alguns ditos populares, as carrancas servem para afastar os espíritos maus do rio com suas feições imponentes. Ana dizia o fazer das carrancas era um símbolo de São Francisco, uma forma de agradecimento a ele pelo barro encontrado, que as fazia com amor. Com o apoio de sua família, as produções das carrancas cresceram com o tempo, e Ana ia aos poucos exprimindo seu estilo único em cada obra.

Uma das características únicas de suas obras eram os olhos vazados que as esculturas tinham. As cerâmicas de Ana tinham essa marca em homenagem ao seu marido, Zé Vicente, que era uma pessoa com deficiência visual e a ajudava na preparação da argila para o trabalho de cerâmica. Outra singularidade de suas obras era a marca de zoomorfismo, há sempre uma forma humanoide misturada a traços de animais diversos, como cavalo, leão, entre outros. Essas singularidades de sua arte a tornou conhecida nacionalmente e internacionalmente, décadas depois das suas criações com as carrancas. Ana foi reconhecida como patrimônio vivo de Pernambuco no ano de 2006, recebeu também a comenda de Ordem ao Mérito Cultural em Brasília.

Após seu falecimento em 2008, suas filhas, Ângela e Maria da Cruz, administram o Centro de Artes Ana das Carrancas, em Petrolina. O espaço tornou-se ponto turístico, onde há oficinas de barro, exposição dos trabalhos de Ana e de suas filhas e venda de peças das artistas. A arte que Ana aprendeu com sua mãe e, provavelmente, com sua avó passou, hoje é feita pelas mãos de suas

filhas: um legado para o artesanato brasileiro, para a cultura popular e uma herança de suas ancestralidades - do barro, a Arte foi seu sustento e forma de expressão.

Figura 03: *Dona Irinéia*



Fonte: <https://artepopularbrasil.blogspot.com/2016/08/dona-irineia.html>

Colagem digital: As autoras/2023

Dona Irinéia, uma das artistas de cerâmica mais conhecida da cultura popular brasileira e Patrimônio Vivo de Alagoas, nasceu no dia 7 de janeiro de 1949 em Muquém, povoado quilombola que faz parte do município União dos Palmares, próximo à Serra da Barriga. Região esta com grande importância histórica na luta contra a escravidão, sendo terra do Quilombo dos Palmares. Recentemente, no ano de 2005, o povoado de Muquém foi oficialmente

reconhecido pela Fundação Cultural Palmares como a primeira comunidade remanescente do Quilombo dos Palmares.

Nesse povoado, a cultura do barro era presente no dia-a-dia, especialmente das mulheres, sendo o artesanato uma das principais atividades da comunidade, além da agricultura familiar. O barro marca a relação da comunidade com o rio Mundaú, onde o material é encontrado e retirado com as mãos dos artesãos. Assim como a história de Ana das Carrancas, Dona Irinéia conheceu a prática de oleira pelas mãos de sua mãe, sustento se sua família, a mãe de Dona Irinéia fazia panelas de barro para vender.

Na comunidade quilombola de Mundaú, é comum as pessoas fazerem promessas aos seus santos para conseguir uma cura de alguma doença ou dor que lhes aflige. E como costume, quando a graça da oração é alcançada, leva-se a parte do corpo que a graça foi concedida em forma de uma peça de cerâmica para o santo, como forma de agradecimento. Justamente por isso, Dona Irinéia começou a aventurar-se nas figuras humanas, não fazendo apenas panelas. Com o tempo, os pedidos das esculturas foram crescendo e sua arte se transformou e, hoje, Dona Irinéia segue fazendo suas esculturas no povoado de Muquém.

Pelos caminhos do barro: fios do registro

No dia 05 de outubro de 2022, durante a roda com o grupo, a professora convidou as crianças e eu para observarmos a argila e, assim, a primeira coisa dita por uma das crianças foi "*é marrom*". Logo, as colocações começaram a surgir. "*É gelado!*" disse uma criança. A outra, segurando outro pedaço da argila, acrescentou - "*esse aqui não tá*" - em seguida, as duas trocaram os pedaços que seguravam e confirmaram as temperaturas diversas. Alguns, tocavam com o rosto a argila para sentir a temperatura fria ou quente, era como uma brincadeira, uma surpresa!

Com os pedaços em mãos, o toque foi se intensificando para perceber a argila: alguns eram duros, outros um pouco mais moles e outros craquelavam quando apertados. A professora perguntou como poderíamos aproveitar aquela argila dura para modelar, já que apenas um dos pedaços parecia possível de ser moldado ao toque. Uma das crianças respondeu com muita certeza "*tem que esperar na água*". Disse enquanto segurava um dos baldes de ferro que estavam no centro do círculo que formamos no chão da sala de referência.

Figura 04: Experimentações Telúricas



Fonte: Arquivo pessoal/2022

Assim, a professora e eu colocamos os demais baldes de ferro ao centro da roda para deixar o material na água. No entanto, assim que olhamos para os baldes, as crianças mostraram curiosidade em como colocar aqueles pedaços de argila em contato com a água e, quando a professora perguntou o que poderíamos fazer para a argila ficar completamente molhada, algumas das crianças começaram a tentar quebrar uma parte do pedaço que estavam segurando para diminuir seu tamanho. Quando o puxar, amassar ou torcer não quebrou nenhum pedacinho das argilas que estavam duras, a professora ofereceu algumas colheres para as crianças, ainda assim, a argila parecia "*muito dura*", como uma delas observou.

Após mãos e colheres não conseguirem quebrar nenhum pedaço, começamos a explorar a argila de outra forma: derrubando-as no chão. Assim, pedacinhos começaram a se soltar, deixando várias partes da argila espalhadas. Cada vez que a argila batia no chão e mais um pedaço se soltava, risadas e gritos de comemoração invadiam a sala! Assim que as crianças conseguiram pedaços menores, separaram por cores as argilas nos baldes como a professora orientou. Pegaram mais vasilhas para separar o material e começaram a encher com

cuidado cada uma delas: enquanto algumas crianças enchiam os baldes e vasilhas, outras mexiam a argila com a água. "*Tá ficando mole!*", uma delas disse com empolgação enquanto mexia a argila no balde.

A criança que estava colocando água, ia derramando devagar, dizendo "*não, não, mexe mais! Não pode muita água*". "Os dedos que aprendem a delicadeza do brinquedo mole esculpem na alma as primeiras lições da persuasão, o modo de fazer sem a força, com gentileza, num acordo suave com o mundo" (PIORSKI, 2016, p. 136).

Sim, sem dúvida, o céu e o ar, assim como a água e a terra, estão divididos em seus graus de sutileza. Por isso, não é a terra mais grosseira que se mistura imediatamente com a água sutil, nem a água mais grosseira com o ar mais sutil, ou o ar mais espesso com o céu mais sutil, porém o muito sutil do céu une-se primeiro com o mais sutil, e este com o sutil (PIORSKI, 2016, p. 131).

Assim, quando todas as argilas já estavam esperando na água, observamos nossas roupas, o chão, a pele de adulto e criança marcados pela argila. Uma das crianças, enquanto lavava a mão para almoçar, deixou as mãos pousadas na pia do banheiro observando a argila vermelha escorrer pelos dedos até o ralo e falou "*essa argila pinta de vermelho tudo!*". "Brincar com as primícias do mundo material, a lama, o visgo, como o barro e as colas, é um decifrar (pele a pele) dos primeiros fatos da alma" (PIORSKI, 2016, p. 130).

As marcas da/na argila, remetem as marcas da documentação, ao olhá-las, é possível ver fragmentos de processos que redundam em narrativas sublimes. Quando ouvimos uma criança dizer que "está mole", "está dura", "tem que esperar na água a argila", nos encontramos com as pesquisas das crianças, de outro modo, as brincadeiras na argila revelam o que há na alma (PIORSKI, 2016).

A documentação é um processo cooperativo, em que se pode ouvir e observar as crianças, alvo do trabalho docente, gerando a construção de experiências repletas de significados. Ou seja, é um processo capaz de captar conceitos e teorias sobre as crianças, servindo de apoio para entendê-las e para se fazer entender (GANDINI; GOLDHABER, 2002). Dessa forma, é, também, um instrumento essencial para que os educadores possam pensar e proporcionar experiências com sentidos para meninos e meninas. Quando assim entendida, não é, tão somente uma coleta de dados sem intencionalidade, ao contrário, é uma "observação aguçada e uma escuta atenta, registrada conscientemente com

sua perspectiva pessoal” (GANDINI; GOLDHABER, 2002, p. 151). Os professores que se inclinam nesta intenção de observação, tornam-se “observadores participantes”,

[...] que estão interessados em registrar cuidadosamente as várias partes das informações. Eles pretendem construir um entendimento que possa ser compartilhado acerca das maneiras como as crianças interagem com o ambiente, como elas se relacionam com os adultos e com outras crianças e como constroem o próprio conhecimento (GANDINI; GOLDHABER, 2002, p. 151).

A documentação, nesse sentido, permite tornar a ver a experiência que foi vivida bem como os projetos que lhe deram origem. E é nesse ato de ver, que podemos construir teorias e hipóteses sobre o grupo de crianças, com base nos materiais que temos em mãos, e não em vãos pensamentos desconexos da realidade (GANDINI; GOLDHABER, 2002). Ao fazerem essas considerações, os autores referidos provocam os professores a incentivar a invenção e a utilização de novos modos de coletar, registrar e refletir sobre as informações, cientes de que cada situação em particular merece ser registrada, pois evidenciam eventos que já ocorreram e ficam marcados em experiências, relembra palavras de Loris Malaguzzi (1999, p. 80), “os professores devem deixar para trás o modo isolado e silencioso de trabalhar que não deixa traços”. Sabemos que na cotidianidade da Educação Infantil é que encontramos rastros potentes e passíveis de reflexão.

Nessa perspectiva, entendemos que o professor pode se apossar de ferramentas de observações, porém é preciso estar a par de que “cada modalidade acrescenta algo ou deixa algo de fora. [...] O modo como usamos cada ferramenta é altamente subjetivo” (GANDINI; GOLDHABER, 2002, p. 153). Um exemplo prático que podemos pensar é este: ao fazer anotações rápidas sobre um ocorrido, não conseguimos transcrever em sua totalidade, os sons, ruídos, gestos, isso porque a ferramenta usada marca algo, porém elimina outras informações. Depois que as observações produzidas foram coletadas, há um movimento de edição e preparação para que possam ser compartilhadas, discutidas e interpretadas em coletivo. Para tanto, se investe cuidado na leitura e organização dos registros, seleciona-se o que vai ser destacado, e os recortes de vídeos também são separados para a exibição.

Ao fazer todo esse preparo, é que se está começando a pensar do que se observa, tornando-se mais consciente a forma como se relaciona com as crianças: nesta caminhada, se pode refletir junto aos outros educadores sobre o

que foi visto e ouvido a partir da observação das crianças. Se o currículo é flexível, há espaço para a incorporação da documentação como instrumento que auxilia na construção de compreensão das ações e pensamentos das crianças. Isso é muito construtivo, pois por meio de uma prática reflexiva, os educadores podem crescer profissionalmente, bem como, ter prazer de aprender no/com o coletivo (GANDINI; GOLDHABER, 2002).

Água e barro: nos traços do registro

Nesse caminhar, o registro é um importante espaço que sustenta a auto formação, por uma escrita autoral, em razão de estar ligado à formação do professor, que se constitui como pesquisador, autor, e mais ainda: estimula uma escrita viva, individual; embora a escrita seja uma construção coletiva que se dá em meio a diálogos com outros autores (OSTETTO, 2012).

Concebido desta forma, registrar é como fazer uma vigília – das crianças, da prática, do cotidiano –, não como forma de vigiar e controlar, mas de observar atentamente, demonstrando abertura para encontrar algo novo, estando disposto a ampliar o olhar, não interpretando uma situação como “já dada”. O ato de registro afeta a leitura do vivido, bem como permite se distanciar da experiência, ao possibilitar olhar sob um novo ângulo.

Seria simples escrever? Não, dizem os autores que estudamos, pois não fomos incentivados em nossa trajetória escolar a escrever com autoria, fruição, verdade, honestidade. Ao contrário, a escrita se caracterizou, muitas vezes, pela cópia burocrática e tradicional. É nesta direção, de ruptura, que segue a proposta do registro, para além de uma técnica ou uma tarefa a ser feita no dia a dia do professor, mas como forma de marcar a experiência vivida à medida que apresenta e analisa a trama do cotidiano. E quando é praticado, entende-se a sua dimensão de instrumento de trabalho que apoia o professor no trabalho junto às crianças e se alia ao planejamento e à avaliação (OSTETTO, 2012).

O registro é o que permite marcar e dar visibilidade à experiência: auxilia a retomar o vivido, atribuindo-lhe outros e novos significados, pois é um modo de reflexão do professor sobre a própria prática, que

[...] ajuda o professor a (re)construir os conteúdos do programa de forma significativa com seus alunos. Em que consiste esta reflexão? Consiste num re-pensar a ação pedagógica, num momento posterior a ela. Neste momento, o professor toma uma distância de seus atos e da realidade da

sala de aula, de forma a distinguir-se do vivido para olhá-lo de uma forma particular (WARSCHAUER, 2017, p. 51).

Madalena Freire na apresentação do livro *A roda e o registro: uma parceria entre professores, alunos e conhecimento* (WARSCHAUER, 2017), realça que:

[...] os caminhos do processo de construção da reflexão são muitos e cada um (individualmente, mas acompanhado por um educador) faz o seu. É neste sentido que o ato de refletir é libertador — porque instrumentaliza o educador (professor, coordenador, orientador) no que ele tem de mais vital: seu pensamento (WARSCHAUER, 2017, p. 17).

O ato de registrar oportuniza o educador a pôr para fora o seu pensamento através da palavra. Nesse sentido, assevera Mônica Picanço (2011), que o objetivo da escrita não é simplesmente escrever, mas registrar. Qual seria então a diferença? Ela responde assim: “Queremos a escrita de um registro. Queremos o professor escritor. Queremos a voz do professor por meio de suas reflexões, inquietações e percepções. Queremos um registro que contribua para a autonomia intelectual do professor” (PICANÇO, 2011, p. 45). Tal colocação nos permite entender que o registro, além de ser intencional, oportuniza a formação de um professor escritor. Assim o professor vai conhecendo o seu fazer e se formando, através da sua própria reflexão que “orienta sua ação em sentido inverso à padronização nos guias curriculares. Ela também é uma ferramenta para a sua formação contínua, aproximando formação e pesquisa. A reflexão sobre a prática é, assim, uma prática de autoformação” (WARSCHAUER, 2017, p. 53).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concretização de uma vivência, experiência e história é viabilizada pelo registro, uma vez que o registro materializa palavras, acontecimentos, ações, lições, conquistas e descobertas. Entendemos dessa forma, no tocante à prática docente, a importância de marcar os processos e aprendizagens das crianças através da escrita. Isto é, a escrita marca, assim como a argila.

Pelo registro foi possível compreender pequenas marcas do cotidiano vivido pelas crianças, suas escolhas de brincadeiras, seus modos de estar naquele espaço e, assim, ampliar suas experiências com os materiais que as mesmas apresentaram interesse. O registro é onde se reafirma o presente e se projeta o futuro, a revisitação do cotidiano junto às crianças possibilita refletir sobre o

passado e repensar as próximas ações, ou seja, planejar. Nesse processo, avaliar a prática pedagógica aparece como uma das ações essenciais à docência.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**: obras escolhidas, Volume 2. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho, José Carlos Martins Barbosa. Editora brasiliense SP. 1987.

GANDINI, Lella; GOLDHABER, Jeanne. Duas reflexões sobre a documentação. **Bambini**: a abordagem italiana à educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2002 (p. 150-169).

MALAGUZZI, Loris. História, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Leila; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**: A abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999 (p. 59-104).

OSTETTO, Luciana. Observação, registro, documentação: nomear e significar as experiências. In: OSTETTO, Luciana (org.). **Educação Infantil**: saberes e fazeres da formação de professores. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

PICANÇO, Monica Bezerra de Menezes. Registro. In: COLINVAUX, Dominique. **Cadernos Creche UFF**: textos de formação e prática. Niterói: Editora da UFF, 2011.

PIORSKI, Gandhi. **Brinquedos do chão**: a natureza, o imaginário e o brincar. Editora Peirópolis LTDA, 2016.

WARSCHAUER, Cecília. **A roda e o registro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

EXPERIÊNCIAS TELÚRICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RASTROS DA DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA

Telluric experiences in early childhood education: traces of pedagogical documentation

Cristiana Callai

Doutora em Educação/UFF
Universidade Federal Fluminense
FIAR/FEUFF
Niterói, Brasil
criscallai@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-8721-9184>

Miriam Nogueira de Maltos

Mestranda em Educação/UFF
Universidade Federal Fluminense
FIAR/FEUFF
Niterói, Brasil
miriammaltos@id.uff.br

<https://orcid.org/0009-0006-2657-5701>

Stéfany Bicalho Fernandes

Pedagoga/UFF
Universidade Federal Fluminense
FIAR/UFF
Niterói, Brasil
stefanybicalho@id.uff.br

<https://orcid.org/0009-0007-6868-5770>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Rua Presidente Pedreira, 89, 1001 Bairro Ingá, Niterói/RJ CEP 24210 470.

AGRADECIMENTOS

Ao Círculo de estudos e pesquisa formação de professores, infância e arte – FIAR/FEUFF.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: C. Callai, M. Maltos, S. Fernandes

Coleta de dados: C. Callai, M. Maltos, S. Fernandes

Análise de dados: C. Callai, M. Maltos, S. Fernandes

Discussão dos resultados: C. Callai, M. Maltos, S. Fernandes

Revisão e aprovação: C. Callai, M. Maltos, S. Fernandes

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o

devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 20-05-2023 – Aprovado em: 09-10-2023